

## Do papel da memória na educação da antiguidade cristã

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

### *1. Memória, filosofia e educação*

“Lembramos – sabemos de *cor* – o que está em  
nosso coração”. (Luiz Jean Lauand).

O homem é um ser que esquece. Zeus, que deu ao homem a chama do espírito, não lhe deu uma sensibilidade aguçada para se lembrar. No entanto, para consertar este “defeito”, criou Zeus as musas – filhas de *Mnemosyne* (memória) – e as artes. De fato, as artes e as musas são companheiras do homem, devem ajudá-lo a lembrar-se.<sup>1</sup> Com efeito, as musas “refrescam” a memória do artista e o artista, por sua arte, “abre a inteligência” das pessoas. Entretanto, não são somente as artes que têm por função fazer-nos lembrar das grandes verdades da existência. Sem embargo, também a filosofia, ou melhor, o *ato de filosofar* tem a função de nos fazer recordar do que nos esquecemos:

O filosofar (e para JP o filosofar está muito próximo da arte) deve recordar-nos das grandes verdades que sabemos, mas das quais, uma e outra vez, nos esquecemos.<sup>2</sup>

---

1 LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 121. “O homem, que recebeu da divindade a chama do espírito; o homem, está, afinal, mal feito, mal acabado: ele tende à insensibilidade, a não reparar... a esquecer! As musas (filhas de Mnemosyne), as artes, aparecem como uma primeira tentativa de conserto de Zeus: *a divindade as oferece como dádiva ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se...*”(O Itálico é nosso).

2 *Idem. Ibidem*. Para Platão, por exemplo, *conhecer é se lembrar!*

Partindo dos pressupostos acima, gostaríamos de salientar a importância singular da memória para a filosofia e educação do homem. Como não se cansa de repetir Lauand, retomando uma máxima dos antigos, o homem é *fundamentalmente um ser que esquece*.<sup>3</sup> E como se não bastasse esta inclinação para o esquecimento, resta ainda que, de fato, se não é de tudo, ao menos do essencial sempre nos esquecemos:

Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem, não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas, principalmente - e é até uma constatação de ordem empírica - do essencial.<sup>4</sup>

Esquecemos precisamente aquilo de que nunca nos poderíamos esquecer! Todavia, permanece sendo verdade, paradoxalmente, que a natureza humana é potencialmente capaz de se lembrar. O homem pode trazer novamente os fatos à memória. Ora, a missão da educação – e da própria filosofia – nada mais é do que procurar *atualizar* esta *potencialidade* humana, oriunda da própria natureza racional do homem, qual seja, a capacidade de se lembrar dos fatos e das verdades fundantes da sua existência:

E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se com algo novo ou insólito, mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência. Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas, algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*.<sup>5</sup>

Porém, como trazer de novo algo à memória? Melhor, como fazer com que o homem não esqueça, ou antes, queira fixar o seu pensamento nas grandes verdades? Lauand nos define: *inesquecível é somente aquilo que amamos*. Com efeito, *re-cor-dar* significa trazer de volta ao coração. *Saber de cor é reter no coração*. Por isso, tanto a educação quanto a filosofia – as duas estão intimamente ligadas a esta concepção – enquanto querem levar os homens a se recordarem das suas experiências basilares, antes mesmo de fazê-los exercitar o raciocínio, devem conduzi-los a amar as grandes verdades da existência, mormente, fazendo-os experienciá-las pelo *mirandum*, ou seja, despertando-lhes a *admiração* por elas:

---

3 LAUAND, Luiz Jean. **A Unidade da Idéia de Homem nas Diferentes Culturas**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 141: “O homem é um ser que esquece!”.

4 *Idem. Ibidem.* p. 142.

5 *Idem. Ibidem.*

Lembramos - sabemos *de cor* - o que está em nosso coração. Tomás de Aquino explica, agudamente, a razão profunda do lembrar e do esquecer: ele faz a ligação entre amar e lembrar: inesquecível é o que amamos! E, assim, comentando o salmo 9 e falando de Deus como o único que não se esquece, diz: *Illud quod aliquis cum studio et diligentia facit, non obliviscitur quin illud faciat; Deus autem studiosus est ad salutem hominum: et ideo non obliviscitur (In Ps. 9, 8)* ('O que não se esquece é precisamente o que se faz com solicitude e amor . Ora, Deus ama com solicitude o bem do homem; portanto, Ele não o esquece').<sup>6</sup>

Estamos, pois, no âmago da pedagogia tomásica, que não é senão a pedagogia do amor: "É assim, um tanto inesperadamente, a tradição clássica em educação, a pedagogia do lembrar, revela-se também uma pedagogia do amor..."<sup>7</sup>. Porém, para nos ensinar a amar, e assim recordar certas verdades, os antigos valeram-se de alguns procedimentos práticos. Na verdade, eles desenvolveram toda uma própria pedagogia da memória e uma didática para aplicá-la no ensino.

## 2. O papel da memória na antiguidade

Com efeito, os antigos não dispunham de muitos recursos para consignarem por escrito as suas obras. Por conseguinte, os meios pelos quais eles transmitiam as suas ideias eram o oral e o artístico. Desta feita, para que as suas ideias não se perdessem no esquecimento, valiam-se de tudo o que estivesse ao seu alcance para despertar a memória dos seus ouvintes. Isto fez com que eles desenvolvessem toda uma didática da memória, a fim de facilitar o quanto fosse possível a conservação: não só das ideias, mas também das pessoas e dos principais fatos históricos na memória dos seus ouvintes.

---

<sup>6</sup> *Idem. Ibidem.* p. 144

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem.* p. 144.

## 2.1. *Memorais e Monumentos*

Tomemos, por exemplo, Agostinho. Este, mesmo não tendo fluência no grego, buscou nele a sua definição de memória: “Na língua deles (dos gregos), *mnème* significa memória, a faculdade com a qual nos lembramos”<sup>8</sup>. A partir desta definição, explica Agostinho: os túmulos e os bustos são construídos vistosamente para que não nos esqueçamos daquela pessoa ou daquele fato neles representados. Aliás, é por isso também, ainda segundo Agostinho, que chamamos este tipo de construção de *memorial* ou *monumento*. De fato, para Agostinho, *monumento* significa o que faz *recordar*. Desta sorte, para o Bispo de Hipona, os *memorais* e os *monumentos* estão a serviço da *memória*.<sup>9</sup>

## 2.2. *Memória e Liturgia*

Ora, se é a memória que nos faz lembrar – continua Agostinho – toda ação litúrgica, incluindo a oração da Igreja pelos mortos, deve ser considerada uma *comemoração*, ou seja, *é um fazer memória com*.<sup>10</sup> De fato, sendo a liturgia (*leitourgia*) um serviço prestado ao povo, a liturgia da Igreja segue sendo o meio pelo qual a Igreja torna presentes aos seus fiéis, as pessoas e os acontecimentos que a construíram e edificaram.

Com efeito, partindo do pressuposto de que o próprio educar nada mais é do que trazer à memória verdades esquecidas, podemos então concluir que todo o *processo educativo* não deixa de ser, também ele, uma *comemoração*. Sem embargo, na *educação*, o professor deve tentar lembrar com os seus alunos os valores fundamentais da pessoa humana, que, por serem tão evidentes e constitutivos da nossa própria natureza, não podem ser esquecidos ou permanecerem desconhecidos:

---

<sup>8</sup> AGOSTINHO. **O Cuidado Devido aos Mortos**. Trad. Irmã Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002. 4, 6. p. 163. (O parêntese é nosso).

<sup>9</sup> *Idem. Idem*: “Se dão o nome de Memoriae ou Monumento aos sepulcros construídos vistosamente, é na verdade, para que tragam à memória aqueles que, devido à morte, foram subtraídos aos olhos dos vivos. (...) Recordação é o que indica bem claramente o próprio termo *Memória*. E *monumentum* quer dizer ‘o que adverte à mente’ (*moneat mentem*), isto é, o que faz recordar.”

<sup>10</sup> *Idem. Idem*. p. 163 e 164: “A Igreja tomou para si o encargo de orar por todos os que morreram dentro da comunhão cristã. Ainda que sem conhecer-lhes, ela os inclui numa *comemoração* geral de todos eles.”

Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas, algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*.<sup>11</sup>

Desta forma, se educar é antes de tudo lembrar verdades que não devem ser esquecidas, a Igreja é uma grande educadora! E quão educativa é a liturgia. Neste sentido, Frei Raniero Cantalamessa, ao falar da liturgia e do sentido da Tradição, também recorda o seguinte aspecto da doutrina agostiniana:

A história - explica Santo Agostinho - indica-nos o que aconteceu e como aconteceu; a liturgia, por sua vez, faz com que os acontecimentos do passado não sejam “fatos passados”, isto é, transcorridos para sempre, acabados, por isso não os realiza de novo, mas celebra-os (Sto. Agostinho. Sermo 220; PL 38, 1089).<sup>12</sup>

De fato, quando nos lembramos o tempo é vencido, o ontem se transforma em hoje. Por meio da liturgia, tudo se torna presente, pois o que antes estava “enterrado”, “sepultado” em nossas mentes, torna-se de novo experiência viva e vivida na liturgia. Ora, sob certo aspecto, isto é educar: tirar de dentro de nós o que, de alguma forma, já estava lá, ainda que adormecido:

*Hoje Cristo nasceu, hoje na terra cantam os anjos... Graças à liturgia e à Tradição viva da Igreja, não devemos dizer, tristemente, que dois mil anos nos separam dos acontecimentos da salvação, mas dois mil anos nos unem a eles.*<sup>13</sup>

Por conseguinte, os *monumentos e memoriais*, as *orações* e a própria *ação litúrgica* tinham na antiguidade também uma *finalidade educativa*. Daí, Tomás de Aquino dizer, que a *memória* é como um *tesouro* ou um *arquivo* (*thesaurus quidam huiusmodi intencioorum*).<sup>14</sup> Ora, educar é justamente *abrir este arquivo* ou *tirar este tesouro do cofre da memória!*

---

<sup>11</sup> LAUAND. **A Unidade da Idéia de Homem em Diferentes Culturas**: In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 142.

<sup>12</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **O Mistério do Natal**. 4ª ed. Trad. Luiz Gonzaga Scudeler. São Paulo: Editora Santuário, 1993. p. 6

<sup>13</sup> *Idem. Op. Cit*

<sup>14</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. II. I, 78, 4, C.

### 2.3. A memória nos Sermões de Agostinho

Os antigos não conheceram somente os *monumentos*, *memoriais* ou a *liturgia* como formas de despertar a memória. Com efeito, numa época onde se carecia de recursos para a produção de livros e a maioria do povo não tinha acesso à cultura, a memória ocupava um lugar ímpar no processo de *aprendizagem*, que era realizado quase sempre através dos *sermões*.<sup>15</sup> Destarte, várias técnicas eram usadas para aguçar a memória dos ouvintes. Uma delas era a *repetição*. Desta forma, os sermões dos grandes padres – inclusive os de Agostinho – não consistiam tanto em ensinar coisas novas, mas em lembrar – sempre de forma nova e criativa – verdades já sabidas:

O sermão se dirigia mais a lembrar verdades já sabidas do que a transmitir novos ensinamentos. E Agostinho não se importava de repetir certas idéias todos os anos, o que fazia os ouvintes mais afoitos anteciparem-se ao sorridente pregador.<sup>16</sup>

Com efeito, as *artes* nos fazem recordar. Agora bem, Agostinho, mestre da *rima* e do *ritmo*, valia-se da *beleza* da *retórica* para ganhar a atenção do ouvinte e fazer com que ele retivesse as frases na memória:

Nessa tarefa educadora, Agostinho sabia que a beleza era fundamental, não só pelo valor que possui em si mesma mas também porque mantém o ouvinte atento e atual sobre a sua memória. Mestre do ritmo, da rima e dos jogos de linguagem antes mesmo de converter-se ao cristianismo, Agostinho valeu-se depois de todo o seu arsenal retórico nos sermões (...) Para que essas profundas idéias sobrevivam na mente de seu rebanho e lhe sirvam como alimento espiritual, Agostinho oferece ao povo fórmulas–resumo rimadas/ritmadas que se tornam um gancho de memória entre a pregação que se ouviu hoje e a realidade que se enfrentará amanhã.<sup>17</sup>

---

15 LAUAND, Luiz Jean. **Introdução a Dois Sermões de Agostinho**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**: Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 10: “Além disso, devemos considerar também o fato de que a época carecia de recursos de escrita (até a escrita manual era dificultosa). A memória, portanto, era o principal instrumento de quem aprendia, e muitos sabiam de cor os sermões de Agostinho! Que professor ou pregador hoje em dia atrever-se-iam a sugerir que alguém literalmente decorasse um discurso de uma hora de duração? Para os antigos, porém, esse pedido fazia sentido.”

16 *Idem. Ibidem.*

17 *Idem. Ibidem.* p. 12 e 13

Todos nós sabemos pelas Confissões, que um dos motivos que levou Agostinho a repudiar as Escrituras antes de se converter, foi a demasiada simplicidade e os barbarismos que teria encontrado nelas. Dizia ele no seu primeiro contato com a Bíblia: “Tive a impressão de uma obra indigna de ser comparada à majestade de Cícero”<sup>18</sup>. Todavia, o tempo passou e já convertido ao cristianismo, o Doutor de Hipona mudou completamente de posição. Sem embargo, para poder levar os seus ouvintes a guardarem na memória os seus ensinamentos, abandona a linguagem especializada e a técnica dos gramáticos e cede a certos barbarismos da linguagem comum. E justifica tal atitude, dizendo: “Que nos importam os gramáticos? É melhor que nos entendais, com o nosso barbarismo, do que com a nossa linguagem fluente (*disertitudo*) vos deixe sem nada (*deserti*)”<sup>19</sup>.

Doravante, para Agostinho, as *ideias* passam a estar acima das *palavras*, como a alma está acima do corpo. Nas sua concepção as palavras estão a serviço das ideias e não o contrário. Portanto, na sua perspectiva, é preferível usar palavras mais simples, que, contudo, expressem melhor as ideias ao povo, às palavras mais elegantes, que confundem os seus ouvintes. Por conseguinte, para ele, o critério da *linguagem falada* deixa de ser a mera *erudição* e passa a ser a *comunicação da doutrina*:

Eles precisam realmente saber que as idéias devem ser postas acima das palavras, assim como a alma é posta acima do corpo: é preferível ouvir palavras mais verdadeiras que elegantes, como é preferível ter amigos mais prudentes que belos.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> AGOSTINHO. **Confissões**. 2ªed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2005. III, 5, 9.

<sup>19</sup> AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. 2ª ed. Trad: Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 2005. v I. 36, 6, 26.

<sup>20</sup> AGOSTINHO. **Instrução dos Catecúmenos: Teoria e Prática da Catequese**. 2ª ed. Trad. Maria da Glória Novak. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2005. I, IX, 13. p. 59.

### 3. O selo de credibilidade do filósofo educador: a simplicidade

Lauand, na linha de Pieper, acentua que o “selo de credibilidade” do filósofo, o qual não é senão o educador que não nos deixa esquecer as grandes verdades, é ter simplicidade ser simples ao expressar as suas ideias: “E a simplicidade é – prossegue Pieper – o ‘selo de credibilidade’ do filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar”<sup>21</sup>. Este “selo”, não só Platão e Agostinho tiveram, mas também Aristóteles e Tomás. De fato, nenhum deles colocava a *linguagem especializada* em primeiro lugar:

Não só Lao-Tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada.<sup>22</sup>

---

21 LAUAND. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 131.

22 PIEPER, Josef. **Prólogo a Lesebuch**. p 5-6. In: LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper**. p. 131. O próprio Tomás declara: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. **Suma Contra os Gentios**. I, I, 1 (2): “Na terminologia vulgar, que o Filósofo diz ser conveniente respeitar ao se dar nome às coisas, preferiu em geral julgar como sábios aqueles que diretamente ordenam as coisas e as governam com habilidade.”

## **BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. 2ª ed. Trad: Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 2005. v I.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Instrução dos Catecúmenos: Teoria e Prática da Catequese**. 2ª ed. Trad. Maria da Glória Novak. Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Cuidado Devido aos Mortos**. Trad. Irmã Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2002.

CANTALAMESSA, Raniero. **O Mistério do Natal**. 4ª ed. Trad. Luiz Gonzaga Scudeler. São Paulo: Editora Santuário, 1993.

LAUAND, Luiz Jean. **A Educação no Novo Catecismo Católico**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Unidade da Idéia de Homem em Diferentes Culturas**: In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006.

\_\_\_\_\_. **Introdução a Dois Sermões de Agostinho**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**: Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**.

PIEPER, Josef. **Prólogo a Lesebuch**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. São Paulo: Esdc, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. **Suma Contra os Gentios**.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v.II.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.